Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros	2$500 réis
Semestre ou 26 numeros	1$300 »
Trimestre ou 13 »	700 »
Avulso	60 »

ANNO I—4 DE DEZEMBRO DE 1881—N.º 42

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

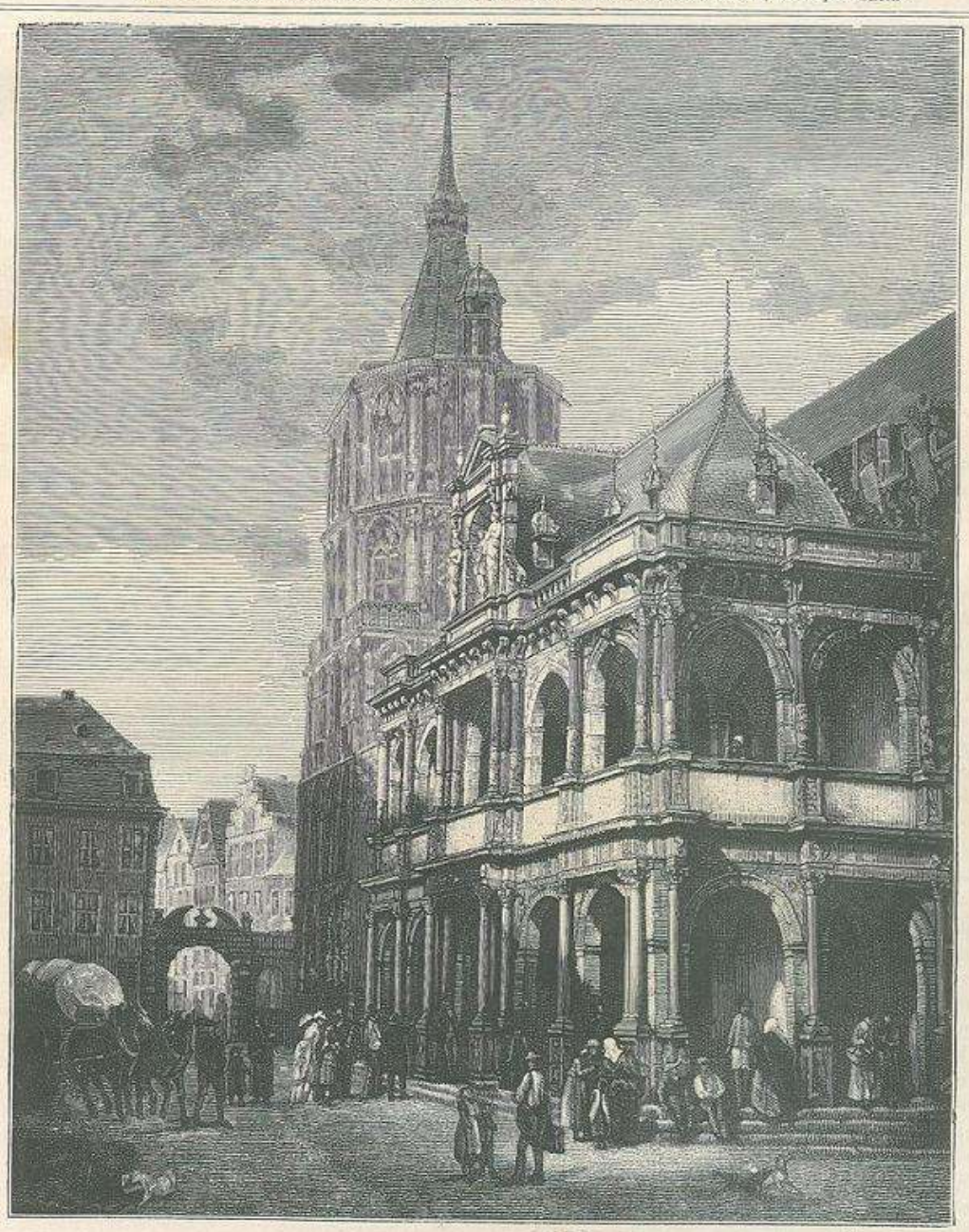
ASSIGNATURA
BRAZIL

Anno ou 52 numeros	7$000 réi
Semestre ou 26 numeros	4$000 »
Trimestre ou 13 »	2$000 »
Avulso	200 »

SUMMARIO

GRAVURAS:—Paço municipal de Colonia; O mestre-escola do passado; Washington tomando o commando das tropas mexicanas; O wagon Pullmann.

TEXTO:—Actualidades, por Iriel; As nossas gravuras; Domingo historico, por A. O. Rosicler, por Luiz Osorio; Portugal velho, por Delfim de Almeida; Livros novos, por P. C.; Horas d'ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.



PAÇO MUNICIPAL DE COLONIA.

ACTUALIDADES

Os acontecimentos em Lisboa andam mal distribuidos. Ás vezes passam-se semanas e semanas de uma esterilidade assombrosa, de forma que o pobre chronista conscienciosо se vê obrigado muitas vezes a extrair do seu craneo, como uma dupla Minerva, a forma e o assumpto. De repente, quando menos se espera, as novidades surgem a esmo, ás manadas, marrando umas nas outras, atropellando-se e mal deixando o tempo necessario para lhes tomar o sabor.

É este o caso actual. De resto, eu não me queixo. Gosto até bem mais de que os assumptos andem a cabecear em torno de mim, do que ande eu a cabecear atraz d'elles. E afinal, não vão agora imaginar que é uma herança millionaria a que me deixou a ultima semana. Mas emfim, sempre são dois ou tres casos, que, bem esmiuçados, talvez cheguem para uma chronica.

Temos primeiro a viagem de suas magestades ás provincias. Fizeram suas magestades muito bem em ir ás provincias. As provincias precisam de vez em quando de algumas testas coroadas para se retemperar a sua fé monarchica. Tu bem sabes, meu amigo: — *Longe da vista...*

Mas se por um lado eu sou o primeiro a reconhecer a profunda verdade contida n'este proverbio, nem por isso deixo de notar a falta que nos está fazendo um outro que diga precisamente o contrario. Porque se a longa ausencia arrefece, a presença continuada não aquece muito mais. Queres uma prova? Vê tu o que nos succede a nós outros lisboetas com os nossos monarchas.

Vemol-os de mais. Se o dia está de sol, ás tres horas da tarde é quasi certo ver subir a *ladeira* do Chiado, como dizia a brazileira d'uma comedia de Gervasio Lobato, uma equipagem a todo o trote. Primeiro dois batedores de azul e branco, cujos rins batem sobre a sella um *allegro* agitado. Depois um grande *landau* descoberto, puxado a 4, à Daumont. N'esse *landau* sua magestade a rainha passa na sua attitude indolente, curvando a cabeça gentil, e enviando para os grupos que a saudam um sorriso que a faz encantadora. Ao lado, sua magestade el-rei, invariavelmente vestido de almirante phantasma, d'uma esquadra-espectro, leva cortezmente a mão ao seu bonnet, trinta vezes cada minuto com um movimento authomatico.

Nas ruas, a sensação é pouca, ninguem vem ás portas ou ás janellas. A surpreza de encontrar os soberanos não se traduz por movimentos apreciaveis. Apenas a saudação trivial de tirar o chapeu.

Á noite, o mesmo em S. Carlos. Sua magestade a rainha assume a sua posição predilecta, encostando o queixo á mão, o cotovello ao parapeito e fitando no palco um olhar distrahido. Sua magestade el-rei com o seu bondoso rosto lymphatico, examina a sala, tamborilando o compasso com os dedos em cima do velludo carmezim do parapeito. Ao entrarem, sauda-os um movimento amavel da plateia. Á sahida nem isso. Muita gente vae ao theatro e ao regressar para casa não sabe responder, se lhe perguntarem se o rei estava ou não.

Vemol-os demasiado. Os reis precisam prodigalisar-se menos, esconderem-se um pouco ás vistas, conservarem esse viço do prestigio que o ar livre queima. E a prova tem-n'a elles nas provincias onde só raras vezes apparecem. Vejam que delirio nas ruas, que ovações nos espectaculos! Comparem um pouco com o aspecto do Chiado quando trota o *landau* real ou com a morna indifferença de S. Carlos quando os soberanos assistam á recita.

Os monarchas são como as moedas que tem a sua effigie. Emquanto andam na circulação, o seu valor é puramente convencional. Logo que se retiram começam a ganhar importancia estimativa, a serem procuradas pelos colleccionadores, a entrar nos medalheiros, a adquirir mesmo valor numismatico.

De mais, nas provincias ainda ha muito ingenuo que tem ácerca das pessoas reaes uma noção bastante phantastica, deleitando-se em conceber sob essa designação personagens estranhos, que não comem como nós, que não bebem como nós, que são d'outra carne e d'outra substancia. Isto explica a avidez com que toda essa gente se atropella na sua passagem, só para ter o gosto de reconhecer pelos seus proprios olhos quão differente é a realidade dos productos da sua imaginação. Alguns ficam furiosos, de queixo cahido, com o ar desalentado de quem acaba de passar por uma decepção terrivel. Effectivamente imaginar um ente estranho, sobrenatural e olympico e encontrar de repente uma boa pessoa baixa, gorda e de cabello loiro, — é para descoroçoar!

Da digressão de S. S. M. M. ás provincias aproveita-se para a chronica um facto bem louvavel. Os reis portuguezes estabeleceram do seu bolso uma pensão mensal para os dois heroes da humanidade, da coragem e do civismo, que se chamam o pescador Maio e o Cabo Simão.

Ahi está uma acção generosa e nobre.

— O assassinio do capitão Soares Martins foi o outro acontecimento palpitante da semana. Estás farto, meu caro, de saber os pormenores do crime. Poupar-te-hei pois a uma descripção bem enfadonha e bem lugubre.

Como era de esperar a politica apoderou-se do facto, e que ha-de fazer ella a coitada, senão apanhar estes fructos que lhe cahem das arvores? que importa que venham tintos de sangue. A fome é muita e o alimento escasseia.

Trata-se de saber se o assassino deve ser fusilado ou não. Conhecidas as circumstancias do crime, as suas inacreditaveis aggravantes, a condemnação á pena ultima é certissima. Resta saber se ella se cumprirá. O que se vae passar portanto é interessantissimo. Ha um codigo militar que contém entre as suas penalidades a pena suprema. Cinco ou seis casos terriveis se tem apresentado successivamente em que ella podia ter sido applicada. O poder moderador tem intervindo sempre destruindo a sentença.

D'esta vez porém o crime é mais grave. Não denota apenas um instincto de ferocidade selvagem, revela um plano friamente meditado. O assassinio não é aqui, *...o menos cruel por ser o mais feroz*, é pelo contrario o mais aterrador por ser o mais tranquillo. O destino quiz sujeitar a lei a uma prova extrema. Para isso reuniu n'um exemplo funesto as aggravantes mais inacreditaveis. A lei é provocada de frente, sem embargos, sem hesitações. Recuar agora é impossivel. Em toda a discussão que se possa levantar sobre este assumpto, a opinião sensata e justa já se fez ouvir: — Cumpra-se ou supprima-se.

— Na Trindade, um *successo* espantoso com os *Dragões de Villars*, vindo confirmar o que eu previa n'uma das minhas chronicas anteriores. O que se está dando actualmente em dois theatros de Lisboa é sem exemplo. Em seguida a um exito collossal, outro que não lhe cede em nada. No Gymnasio á victoria da *Voz do sangue*, a victoria do *Divorçons*. Na Trindade o triumpho extraordinario dos *Dragões de Villars* em seguida ás 40 enchentes successivas da *Mascotte*.

IRIEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

PAÇO MUNICIPAL DE COLONIA — Quando nos encontrámos em frente de uma gravura que representava um edificio das margens do Rheno, pegámos sorrateiramente na prova da estampa, e remetemol-a, sem mais observações, ao nosso amigo F. Lembram-se d'aquella historia da *Academia dos silenciosos da Persia?* O presidente, para mostrar a um candidato que o numero estava preenchido, apresentou-lhe um copo de agua cheio completamente, e o candidato, para mostrar que ainda podia entrar um supra-numerario collocou delicadamente á superficie da agua uma folha de rosa. Assim fez o nosso amigo F. Ao nosso silencioso pedido respondeu não menos silenciosamente, enviando-nos um exemplar das *Lettres sur le Rhin* de Victor Hugo dobrado no sitio conveniente. Inclinamo-nos e obedecemos.

O paço municipal de Colonia, diz Victor Hugo, situado muito perto da cathedral, é um d'estes encantadores edificios — arlequins, feitos de peças de todos os tempos e de pedaços de todos os estylos, que se encontram nas antigas communas, que se construiram a si proprias, leis, usos e costumes, exactamente da mesma forma. O modo de formação d'esses costumes e d'esses edificios é curioso de estudar. Não houve construcção, houve agglomeração, crescimento successivo, engrandecimento caprichoso, conquista sobre a visinhança, nada se fez segundo um plano regular e traçado antecipadamente; fez-se tudo á medida que foram surgindo as necessidades.

Assim o paço municipal de Colonia, que tem provavelmente nos seus alicerces alguma catacumba romana, não era ahi por 1250 senão um grave e severo edificio ogival como a nossa Casa dos Pilares; depois percebeu-se que era indispensavel um campanario para os rebates, para os alardos, para os atalayas nocturnos; e o seculo XIV edificou uma bella torre a um tempo burgueza e feudal, depois, no tempo de Maximiliano, o sopro alegre da Renascença principiava a agitar as sombrias folhagens de pedra das cathedraes, espalhava-se por toda a parte o gosto da elegancia e do enfeite, os vereadores de Colonia sentiram a necessidade de vestir de galas a sua casa da camara, chamaram da Italia algum architecto, discipulo do velho Miguel Angelo, ou de França algum esculptor amigo do joven João Goujon, e engastaram na sua negra fachada do seculo XIII um portal triumphante e magnifico. Annos depois quizeram ter um sitio onde passeiassem, ao lado do seu cartorio, e construiram um delicioso pateo interior de galerias e arcadas, sumptuosamente entretecidas de brazões e de baixos relevos, que eu vi, mas que d'aqui a dois ou tres annos ninguem verá, porque vai a cair em ruinas. Emfim no tempo de Carlos V, reconheceram que lhes era necessaria uma vasta sala para as hastas publicas, para os leilões, para as assembléas dos burguezes, e erigiram defronte do seu campanario e do seu portal um rico edificio de tijolo e de pedra do mais puro gosto e da mais nobre ornamentação. Hoje, nave do seculo XIII, campanario do seculo XIV, portal e pateo interior de Maximiliano, sala de Carlos V, envelhecidos conjunctamente pelo tempo, carregados de tradições e de memorias pelos acontecimentos, soldados e agrupados pelo acaso do modo mais original e mais pittoresco, formam o paço municipal de Colonia».

É maravilhosa a faculdade synthetisadora d'este homem de genio; em dois periodos Victor Hugo

evocou diante de nós a um tempo o vulto e a historia do edificio. Se querem agora admirar o seu poder extraordinario de descripção, leiam o desenho mais minucioso do portal.

«Descendo do campanario, parei no pateo diante d'esse encantador portal da renascença. Ainda agora chamava-lhe *portal triumphante*, devia ter dito *portico triumphal*, porque o segundo andar d'esta primorosa composição é formado por uma serie de arcos de triumpho enleados como uma arcaria, e dedicados, por inscripções do tempo, o primeiro a Cesar, o segundo a Augusto, o terceiro a Agrippa, o fundador de Colonia (*Colonia Aggripina*); o quarto a Constantino, o imperador christão; o quinto a Justiniano, o imperador legislador; o sexto a Maximiliano, o imperador existente. Na fachada o esculptor poeta cinzelou tres baixos-relevos, representando os tres domadores de leões, Milão de Crotona, Pepino o Breve e Daniel. Nas duas extremidades, poz Milão de Crotona que prostrava os leões pelo poder do corpo, e Daniel que os submettia pelo poder do espirito, entre Daniel e Milão, como um laço natural, e como uma verdadeira transição, collocou Pepino o Breve que atacava as feras com essa mistura de vigor physico e de vigor moral que constitúe o soldado. Entre a força pura e o pensamento puro, a coragem. Entre o athleta e o propheta, o heroe.

Pepino tem a espada em punho; o seu braço esquerdo, envolto no manto, está mergulhado na garganta do leão; o leão, de garras e de fauces abertas, está erguido sobre as patas trazeiras na attitude formidavel d'aquelle a que a heraldica chamou leão rompante; Pepino affronta-o com bravura, combate. Daniel está em pé, immovel, de braços caidos, com os olhos cravados no céu, emquanto os leões se rojam amorosamente a seus pés; o espirito não lucta, triumpha. Milão de Crotona, esse, de braços presos na arvore, debate-se, e o leão devora-o; é a agonia da presumpção inintelligente e cega que acreditou nos seus musculos e nos seus pulsos; a força pura está vencida. Esses tres baixos-relevos são de um sentido elevado. O ultimo é de um effeito terrivel. Não sei que idéa assustadora e fatal se evola, talvez sem o proprio esculptor o saber, d'esse sombrio poema. E' a natureza que se vinga do homem, a vegetação e o animal que fazem causa commum, o carvalho que auxilia o leão.

Infelizmente archivoltas, baixos-relevos, entablamentos, impostas, cornijas, e columnas, todo esse bello portal está restaurado, raspado, remendado, e rebocado com o mais deploravel aceio.

E agora ponto final. Depois de Victor Hugo não se falla.

O Mestre-escola do Passado—Querem um commentario admiravel a essa gravura? Leiam este trecho de uma bella poesia de Julio de Castilho a *Escola Aldeã*.

Iam entrando, entrei. No limiar, compõe
cada qual seu aspecto; entra solemne; põe
no cabide o barrete, e vai, submisso e mudo,
já sem nada de infancia, acantoar-se ao estudo,
saudado, já se sabe, o mestre, que suave
doira em vago sorriso a fronte oppressa e grave.

O mestre é um banido; um triste; um operario
da ceara de Deus; um martyr sem sudario;
uma victima incauta apesinhada, um homem,
que a humildade e a pobreza aviltam e consomem.
Vêde-me aquella fronte; a calva prematura
deu-lh'a o pensar que não os annos; a estatura
verga a um peso ignoto; o olhar amortecido
bem mostra que lá dentro ha só tenue brazido,
onde era d'antes fogo; a vida solitaria
fez-lhe um modo acre e frio. O coração do paria
foi bom; hoje é egoista e não crê. Não foi pai.
Já não ama; vegeta. Ignora onde assim vai,
acossado do mundo; e, das cidades longe,
cumpre, amarrado ao poste, agra missão de monge.
E' o monge, sem a cruz.

O baloiçoso açoite
do torvo mar da vida arrojou-o uma noite
para esta praia muda, ilha feroz, deserta.
E alli vive sósinho; e a alma se lhe aperta
quando contempla o mar.

Não commenta os destinos;
come pão negro e ensina os pobres e os meninos.
Não os repulsa, não; tambem não os attrai.
Não é velho, e tem cãs; tem filhos, sem ser pai

Substituam-lhe a calva precoce pelo cabello ainda não muito encanecido, e vejam se Julio de Castilho não descreveu, sem a ter visto, a physionomia do mestre-escola da nossa estampa.

Washington tomando o commando das tropas americanas—Duas palavras apenas. Todos conhecem o grande facto da independencia dos Estados-Unidos. As colonias norte-americanas da Inglaterra tinham-se revoltado contra a mãi patria, mas, simples lavradores, sem conhecimento algum de guerra, não podiam os colonos luctar com as disciplinadas e exercitadas tropas inglezas. Foi então que assumio o commando dos insurgentes Jorge Washington, um official virginiano, que se distinguira muito na guerra entre os inglezes e os francezes do Canadá. A escolha foi felicissima. Amestrados com a amarga experiencia de umas poucas de derrotas, os americanos afinal triumpharam e a sua independencia constituio-se solidamente. A nossa gravura representa o illustre general no momento em que assume a grave responsabilidade do commando.

O Wagon Pullmann—A invenção é americana. São elles que vão adiante de todos os povos em tudo quanto seja applicação pratica. Julgamos incapaz um americano de descobrir as leis da electricidade, mas ensinem-lh'as e elle vai encontrar n'um instante milhares de applicações. Em caminhos de ferro teêm feito verdadeiros prodigios. O wagon Pullmann é a ultima palavra do commodismo em locomoção rapida. E' um hotel, um verdadeiro hotel, onde se come, onde se conversa, onde se joga, onde se discute, e onde se passam regalaidamente no caminho de ferro do Atlantico ao Pacifico os sete dias de travessia.

O DOMINGO HISTORICO

4 de dezembro de 1822 — Decreto ordenando que D. Carlota Joaquina se retire para a quinta do Ramalhão.

A constituição elaborada pelas côrtes que se reuniram depois do movimento liberal de 24 d'agosto de 1820 foi jurada por el-rei D. João VI, naa sessão solemne do 1.º de outubro de 1822 e por umaa lei de 11 do mesmo mez se providenciou acerca «do modo porque haviam de prestar esse juramento» as pessoas que tinham por dever fazel-o.

Estabeleceu-se o primeiro domingo de novembro (dia 3) para essa ceremonia, determinando-se ao mesmo tempo que todo aquelle que, sendo obrigado a jurar a constituição, não cumprisse esse dever ao praso de um mez, perderia a qualidade de cidadão portuguez e seria obrigado a sair do reino.

Não tendo a rainha D. Carlota Joaquina prestado o juramento e havendo-se recusado a nomear procurador que em nome d'ella o fizesse, foram no dia 22 de novembro os tres ministros Filippe Ferreira d'Araujo e Castro, Silvestre Pinheiro Ferreira e Ignacio da Costa Quintella dizer, por ordem d'el-rei, a essa princeza que, se ella não jurasse até ao dia 3 de dezembro, o rei e o ministerio fariam executar a lei.

D. Carlota Joaquina respondeu immediatamente que não jurava e que, conhecendo bem a lei, estava disposta a soffrer a pena que ella lhe impunha.

Em vista d'esta declaração formal, perguntou-se á rainha qual o paiz estrangeiro que escolhera para sua residencia, ao que ella respondeu que a sua intenção era ir para Cadiz, mas que achando-se doente e sendo a estação invernosa estava prompta a retirar-se para a quinta do Ramalhão com os seus filhos, até que o tempo lhe permitisse sair do reino.

Ouvido o conselho d'estado, e declarando os medicos que a vida da rainha podia perigar com a jornada, resolveu-se afinal a questão publicando-se no dia 4 de dezembro dois decretos. O primeiro d'esses documentos officiaes declarava que a rainha perdera pelo facto da recusa todos os direitos civis e politicos inherentes á qualidade de cidadão portuguez e á dignidade de rainha, devendo por isso sair immediatamente do territorio portuguez, e o segundo ordenava que, em vista do rigor do tempo e do mau estado de saude da princesa, esta devia retirar-se para a quinta do Ramalhão, acompanhada unicamente das pessoas indispensaveis para o seu serviço pessoal.

Esta questão foi em seguida muito debatida nas côrtes, que afinal approvaram por grandissima maioria o procedimento do governo, mas poucos mezes decorreram até que essas mesmas côrtes fossem obrigadas a dissolver-se, e que o systema liberal desapparecesse, para só mais tarde, depois de uma lucta fratricida, se fixar definitivamente em Portugal.

A. O.

ROSICLER

LOIRA

Loira como a visão dos sonhos das crianças,
Doirada como a côr das cabecitas d'ellas,
E como o sol nascente, o brilho das estrellas,
E o lampejo fugaz das nossas esperanças.

Subtil qual voejar das avesitas bellas,
Meiga como o balir das ovelhinhas mansas,
São cachinhos de lux as tuas loiras tranças,
Loiras... tambem da côr das timidas gazellas.

Meiga como era meiga a Laura de Petrarcha,
E como adeus de mãe que para longe embarca
Beijando a testa ao filho á luz do sol que o doira...

Meiga... como um sorrir, o volitar dos anjos,
E qual o resplendor dos lucidos archanjos,
Loira... como um sonhar, como as crianças... loira!

(Coimbra) Luiz Osorio.

PORTUGAL VELHO

O LUXO

(Continuando de pag. 361)

VI

Valha-te Deus, Martim Affonso de Miranda, valha-te Deus, homem; pois não és tu mesmo que nos mostras a gente do povo, talvez officiaes mechanicos, modestamente embuçados nos seus capotes, e

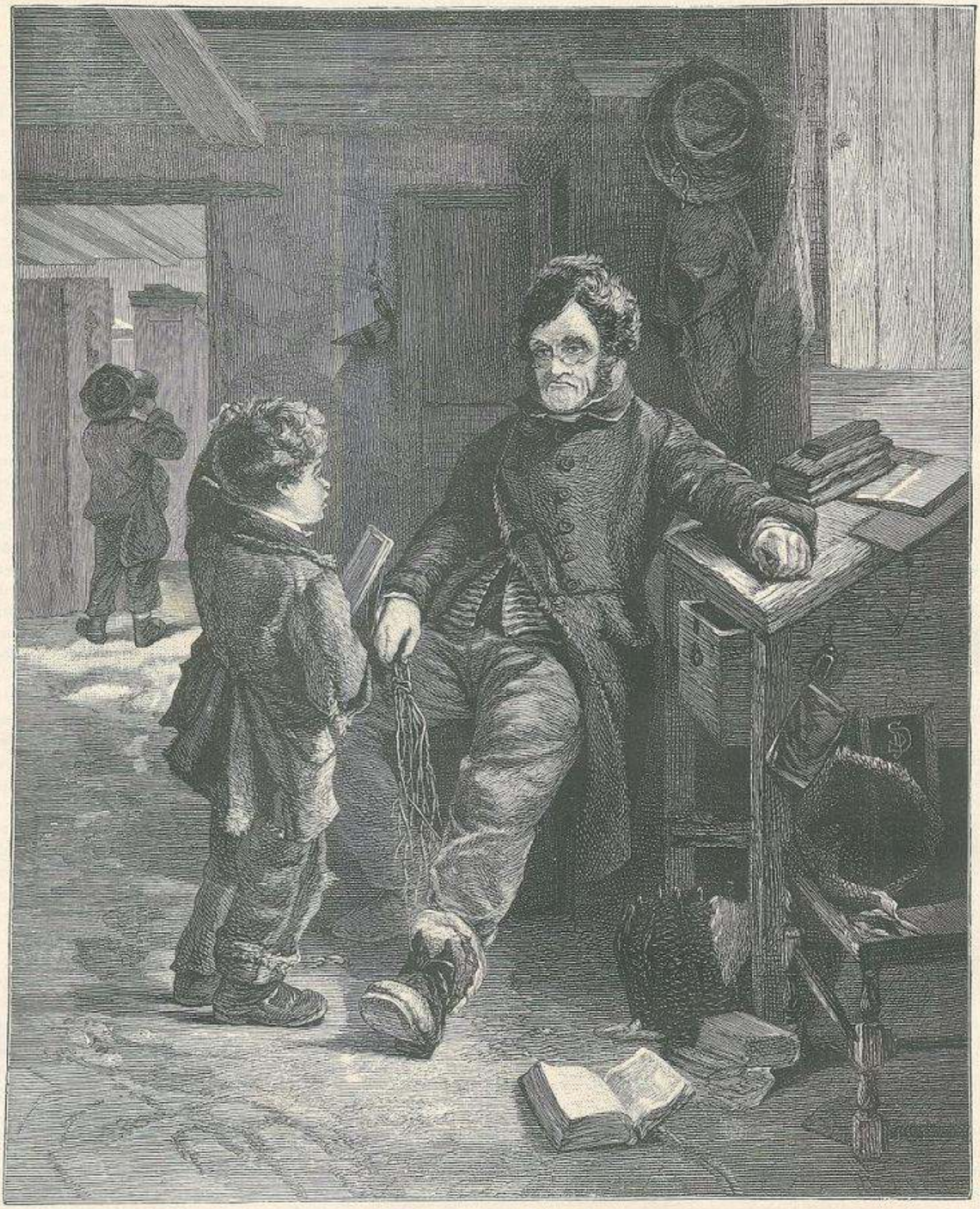
até um escrivão, que se n'esse tempo ainda não pertencia á burguezia conspicua, já se considerava superior aos homens d'officio, não és tu proprio que nol-o mostras no seu escriptorio, com o traje nada pomposo de galeote e carapuça? E que nos dizes dos fidalgos? Oh! esses, ostentam os seus «gibões, e calções e roupetes e ferregoulos de capichuela ou de varias sedas, com muitos e ricos passamanes, martinetes, trancelins de ouro e de diamantes, manteos abertos e azulados, veludos, setins, telas e outras superfluidades.» Ora já vês, bom amigo, que ha grande distancia entre uns e outros.

Apesar da embirra que tens aos peraltas do teu bom tempo, consente que mostremos aos nossos contemporaneos um figurino, que nos descreves com certa minuciosidade, pelo que te ficamos summamente agradecidos.

Eis aqui um «pintalegrete» do primeiro quartel do seculo XVI.

«Ferregoulo e roupeta de sargeta de seda, calções e gibão de melcochado, golpeados sobre telilha branca, manteo de cambray muito azul, punhos do mesmo, com um palmo do pulso a apparecer; meias de Toledo (de seda?), ligas de tafetá negro com pontas de ouro, sapatos de bôca de vacca e rosas velhas mui grandes com serrilha; adereço de espada de tauxia, finalmente sombreiro ao largo e mui fino de castor, com trancelim de peças»: acrescente-se ainda, como complemento, um pagem de libré muito lusida. Notaremos de passagem, que já n'esse tempo os velhos janotas procuravam enganar o proximo, e enganar-se a si mesmo, pintando os cabellos.

Agora o reverso da medalha: vimos as pompas do vestuario, da creadagem, dos coches e cadeiras e outras coisas de luxo com que a nobreza dissipava a



O MESTRE-ESCOLA DO PASSADO.

sua fortuna... Não dissipava tal; porque tinha descoberto o segredo de fazer essas despezas sem que lhe custassem grande sacrificio: era não as pagar.

Não resistimos a transcrever da obra a que temos alludido alguns breves trechos, com os quaes concluiremos este ligeiro trabalho.

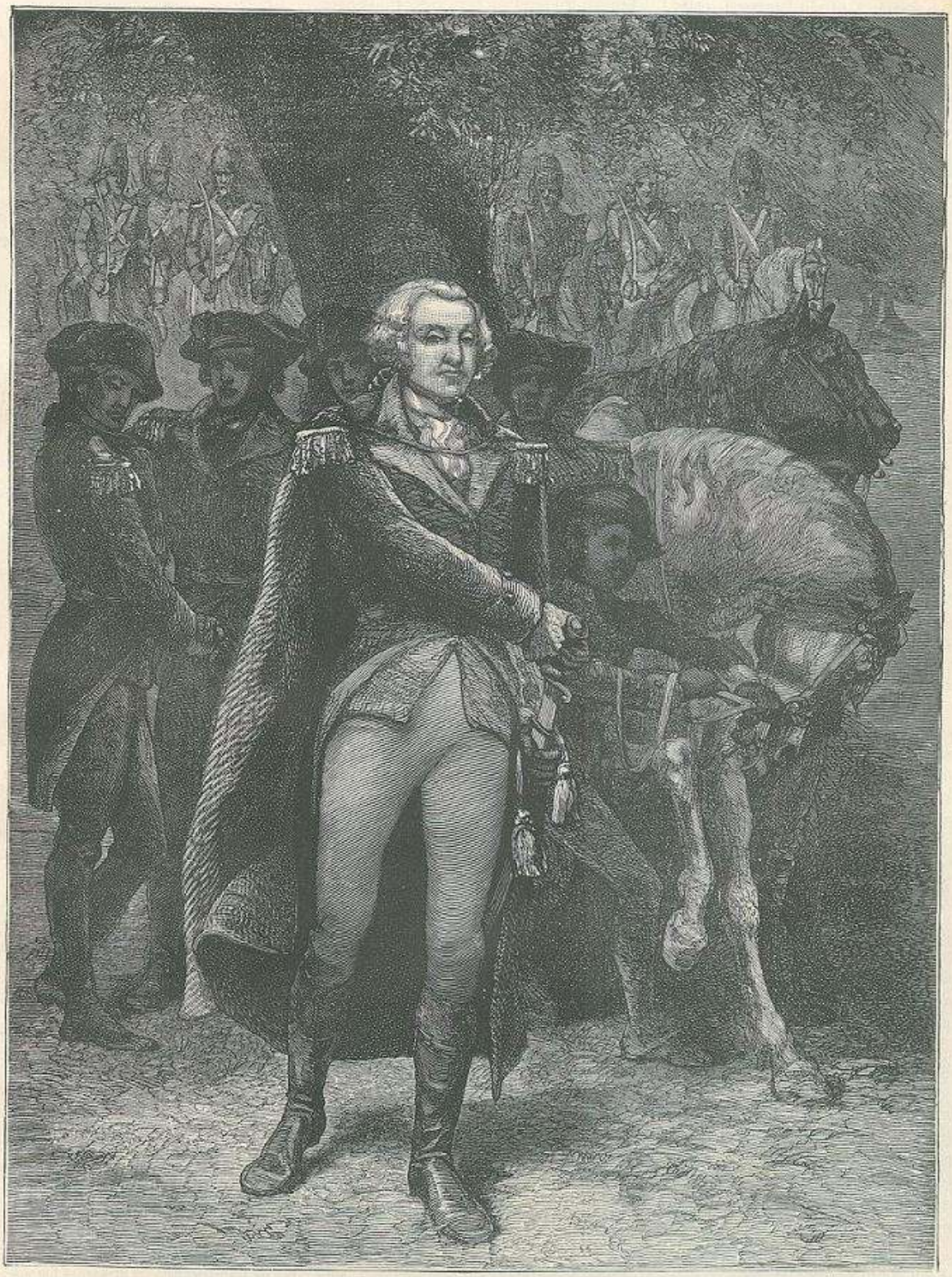
«É caso duro de crer que seja um d'estes muito hom christão, amicissimo dos pobres, confessado cada mez, e com todas estas virtudes não possa largar nem apartar de si os feitios que deve ao alfaiate, e ao sapateiro nem os ordenados dos que o serviram.»

Em seguida, depois de alludir aos empenhos que mettiam os credores para serem pagos das suas dividas, acrescenta:

«E como poderão elles satisfazendo a essas obrigações, e ás mais que tem, conservar o coche, libres, liteira, cadeira, lacaios, pagens e as mais achegas a que devem acudir? Já eu me contemtava com retardarem e reterem os pagamentos, se não acontecera deshonrar de palavra, e maltratar d'obra, aos que accusados de necessidade vão pedir o que se lhes deve: mas elles me perdôem, jámais absolvi algum, porque não suppõe emenda.

Á imagem e similhança dos fidalgos se comportava um sugeito que todos conhecemos e que se chama — o thesouro publico. Esse deixava os soldados andarem mendigando pelas ruas, e comerem o caldo nas portarias dos conventos, porque nem os tristes quatro cruzados que tinham de soldo, nem esses lhe pagavam.[1]

DELFIM D'ALMEIDA.



WASHINGTON TOMANDO O COMMANDO DAS TROPAS MEXICANAS.

[1] Para abreviar, resumiremos n'uma só nota as citações das obras a que no texto nos referimos.

Comedia *Eufrosina*. Edic. de 1786. Pag. 21 e 249.

Tempo d'Agora, tomo 1.°, paginas 10, 11, 62, 63, 150, 157, 158, 166, 170, 171, 183. Tomo 2.° pag. 62, 63, 68, 69.

LIVROS NOVOS

RUY BLAS.—*Traducção em verso de Bulhão Pato.*—Sem ser um Shakespeare, Victor Hugo ha de viver largos seculos no theatro. Nos seus dramas não se reflecte o homem, mas reflecte-se a humanidade. Ruge nos seus dramas a paixão impessoal, pelas mascaras de bronze d'esses personagens titanicos. Nas peças de Shakespeare sente-se a carne que se contorce, os nervos que vibram, o sangue que corre por baixo da epiderme dos personagens; nas de Victor Hugo não se veem senão as grandes mascaras de bronze, de cujas bocas sae o grande sopro lyrico das paixões impetuosas. *Ruy Blas* é de todos os dramas aquelle em que mais se sente esta impersonalisação. Tudo está fóra do real, desde a mascara demoniaca de D. Sallustio até á mascara silenica de D. Cezar de Bazan, mas as grandes paixões, que podem agitar a humanidade, trovejam, riem, ou soluçam em todos aquelles labios que teem, em vez da carnação rosada da vida, a rigidez metallica dos labios das estatuas. Entre Sallustio e Iago ha um abysmo; Iago é um infame, Sallustio é a infamia. Romeu é um apaixonado, Ruy Blas é a paixão. Fallstaff é um typo immortal de bebado jovial, fanfarrão, vadio. D. Cezar é a propria symbolisação de todos esses vicios alegres. Por isso Victor Hugo ha de viver no theatro como Shakespeare, este para convulsionar eternamente as platéas pela verdade humana dos seus personagens, aquelle para as inflammar nos arrebatamentos lyricos e immortaes da sua linguagem apaixonada e candente. Por isso o que se cita de Shakespeare? as scenas: a do jardim de Julieta, a de Othello e Iago, a de Shylock e Antonio, a de Ricardo III e rainha Anna, a de Macbeth e de lady Macbeth, a do rei Lear e o bobo, a de Hamlet e a mãe ou de Hamlet e Ophelia. O que se cita de Victor Hugo? monologos, o de Carlos V no *Hernani*, o do marquez de Nangis na *Marion Delorme* e o de Barba Roxa nos *Burgraves*, o de Ruy Blas aos grandes de Hespanha no drama de que nos occupamos agora. Quem falla em Shakespeare são os personagens pela boca do poeta, e em Victor Hugo o poeta pela boca dos personagens. O genio de Shakespeare faz vibrar com o seu magico sopro os nervos das suas creaturas, Victor Hugo dá ás suas os nervos de bronze da sua propria lyra.

Bulhão Pato, que já enriquecêra a litteratura portugueza com duas magnificas traducções de Shakespeare, quiz tambem traduzir Victor Hugo e pôz em verso portuguez esse magnifico *Ruy Blas*, a que alludimos ha pouco. Pôl-o em verso portuguez de lei, n'esse magnifico verso solto hoje trocado pelo alexandrino magestoso e massudo, que arrasta o dialogo ao passo cadenciado das suas rimas alternadas. Foi extraordinariamente feliz n'esta audaciosa tentativa. No verso solto parece que vibra mais livre o latego de Ruy Blas, que dança mais descuidosa a jovialidade de D. Cezar, que suspira mais melodiosamente o lyrismo amoroso da rainha. Oiçam o final da objurgatoria de Ruy Blas aos ministros:

Teu auxilio, o teu braço, ó Carlos quinto;
Porque succumbe a Hespanha, a Hespanha extingue-se!

Aquelle globo em tuas mãos robustas,
O sol deslumbrador, que n'outro tempo
Fazia acreditar ao mundo inteiro
Que era em Madrid que despontava o dia,
Agora, astro sem vida, a pouco e pouco
Vai-se sumindo, lua em seu minguante,
Que de outro povo ha de apagar a aurora!

Nas mãos de vendilhões a tua herança!
Fundiram em moeda a tua c'rôa!
Conspurcam o esplendor das tuas glorias!
Ó gigante, é possivel que tu durmas?

Vendem teu sceptro a pezo; anões disformes,
Do teu manto de rei talham as vestes.
Tua aguia imperial, que n'outros tempos
De raios e fulgor enchia o mundo,
Pobre ave já sem pennas, os famelicos
Vão devoral-a na marmita infame.

Ah! como o nosso bom verso endecasyllabo, manejado por mãos vigorosas, serve ainda para tudo! como elle zurze! como silva nos ares! como substitue pela amplitude do rhythmo a amplitude syllabica do alexandrino:

De raios e fulgor enchia o mundo!

Afinal Victor Hugo com todo o seu genio para ter um alexandrino com esta idéa não poude fazer mais de que metter um adjectivo perfeitamente dispensavel:

Couvrait le monde *entier* de tonnerre et de flammes.

Para isso, bem o sabemos, é indispensavel que o traductor se chame Bocage, ou Castilho, ou Bulhão Pato, é necessario que se tenha no ouvido, para segurança melodica, o segredo do rhythmo, que dispensa o diapasão da rima, de que sempre carecem os cantores mediocres, é indispensavel que se tenham boas pernas nervosas, como Bulhão Pato tem em caçadas e em poesia, para acompanhar as passadas de gigante de Victor Hugo sem se empoleirar uma pessoa nas andas dodecasylabicas do alexandrino portuguez. Pois no celebre monologo de que démos um trecho, e que é enorme, Bulhão Pato, vertendo escrupulosamente, só precisou de mais uns dez ou onze versos do que os que tem Victor Hugo no original, e n'esse longo trecho apenas teremos de notar uma phrase em que a traducção não é rigorosamente a que nos parece verdadeira. *Depuis Philippe quatre* deveria traduzir-se *Desde Philippe IV* e não *Após Philippe IV*, como o sentido historico indica, porque Victor Hugo diz, pela boca de Ruy Blas, primeiro ministro do rei de Hespanha:

Nous avons, depuis Philippe Quatre,
Perdu le Portugal, le Brésil...

Ora como foi exactamente no tempo de Philippe IV que a Hespanha perdeu Portugal e Brazil, vê-se que *depuis* não póde ter outra significação senão a que tem realmente e lexicologicamente *desde*.

Fizemos esta pequenissima observação, para pôr em relevo a fidelidade maravilhosa com que Bulhão Pato acompanha o texto do grande poeta, chegando até a não o emendar, quando Victor Hugo perpetra a respeito de coisas portuguezas um d'aquelles disparates, que elle atira com uma serenidade olympica do alto de um alexandrino recheiado de erudição:

Perdu le Portugal, le Brésil, sans combattre

Para dizer isto nas bochechas dos vencidos de Montes-Claros, de que ainda se havia de lembrar amargamente algum dos velhotes do conselho, era necessario que Ruy Blas tivesse urgentissima necessidade de encontrar uma rima para *Philippe Quatre*. Bulhão Pato, com uma fidelidade a toda a prova escreve:

Portugal e Brazil *sem um combate*
Deixámos ir por mão.

A proposito da sem-cerimonia com que Victor Hugo trata a historia portugueza, sempre nos ha-de lembrar aquelle disparate que Hernani atira magestosamente a Carlos V na crypta d'Aix-la-Chapelle:

«Je suis Jean d'Aragon, *grand-maitre d'Avis, né...*»

Voltemos ao *Ruy Blas*, e á magnifica tradução de Bulhão Pato. Para acabarmos de provar como o nosso eminente poeta é fidelissimo na traducção, basta dizermos que, só porque se affastou ligeirissimamente do original, na esplendida versão do canto das lavadeiras, chamou-lhe logo *imitação*. Comparem e vejam como se espelham no crystal sonoro dos versos de Bulhão Pato as graciosas e frescas imagens dos versos de Victor Hugo:

A' quoi bon entendre
Les oiseaux des bois?
L'oiseau le plus tendre
Chante dans ta voix.

Que Dieu montre ou voile
Les astres des cieux!
La plus pure étoile
Brille dans tes yeux.

Qu'Avril renouvelle
Le jardin en fleur!
La fleur la plus belle
Fleurit dans ton cœur.

Cet oiseau de flamme,
Cet astre du jour,
Cette fleur de l'âme
S'appelle l'Amour

Vejamos agora na versão portugueza:

Para que—ouvir das aves
A voz na selva copada,
Se tem notas mais suaves
A tua voz encantada!

Para que—ver a mais bella
D'essas estrellas de Deus,
Se mais peregrina estrella
Refulge nos olhos teus!

Para que—abril em rosa
Vai transformar um botão,
Se outra flor, e mais formosa,
Sorri no teu coração.

Ave, flor, astro do dia,
Canto, perfume, esplendor,
Formam a mesma harmonia
E tem um só nome: Amor!

Pois que ha n'estes versos mais do que a refracção que tem a luz ao passar de um para outro meio, da transparencia do ar para a limpidez da agua, e a imagem ao passar do sonoro francez de Victor Hugo para o harmonioso portuguez de Bulhão Pato?

Em resumo, a traducção de *Ruy Blas* por Bulhão Pato é uma verdadeira obra prima, que deve ter, que esperamos que tenha, a consagração da scena. Obras assim devem engastar-se no reportorio dramatico nacional.

P. C.

HORAS DE OCIO

Soneto para completar

Ferve o pégo em cachões! o fraco e o...
Ante o golpe supremo igual...
Com medonho estridor ruge...
A onda nos parceis, na onda a...

Fatigado o baixel, perdido o...
Sente a vida a fugir-lhe de hora em...
Debalde o mar e o céu e a praia...
Debalde a terra lhe lamenta a...

Da vista e da memoria não se...
Esta lucta, horrorosa na...
Do homem fragil contra o mar que...

Recebei-os, Senhor!... Senhor...
Cede o lenho afinal... rebenta a...
Abre-se a um tempo o abysmo e a...

*

Enygmas

Em tudo me encontrais; encontrais-me nas rosas
Em Londres, em Lisboa, e tambem no Japão,
Nas bolsas, n'um cutello, em coisas horrorosas!
Em braza nunca estou, estando em fogo e em carvão.

VASCO.

*

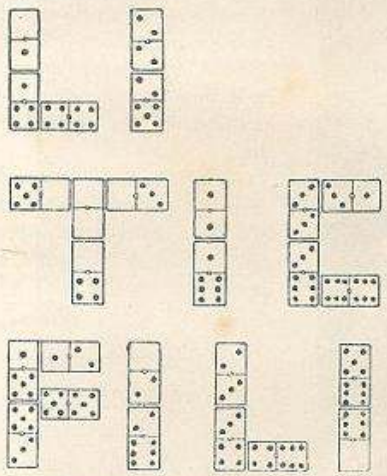
Fantasia arithmetica

Multiplicar duas moedas por duas moedas, de modo que o producto sejam quarenta moedas.

EUCLIDES.

Soluções dos problemas dos n.os 38 e 40

Problema do dominó:



Enygma horto-commercial—Lisbonina.

Pergunta indiscreta.—O Tigre e o Amor.

Anagramma.—Egas.

Enygma pittoresco.—Nunca mettas a colher entre marido e mulher.

Soluções certas

Enygma horto-commercial—Manoel Antonio Coelho Zilhão, Vasco (Coimbra), Dois Estouvados, B. M. (Vianna do Castello), X. Y. Z., Benedicta Barros (Setubal).

Pergunta indiscreta.—F. A. Nunes Pousão, Vichnú, Ornato (Caminha), Carmelita, Nadége (Coimbra), Teniers (Santarem) Monge de Osseir (Pitões de Junias), X. Y. Z., Edipo, Um amante de Minerva (Penafiel), Euclides, Um estudante da Escola Academica.

Anagramma.—F. A. Nunes Pousão, (Manoel Antonio Coelho Zilhão, Edipo, Nadege (Coimbra), Carmo e Souza.

Problema do dominó—Teniers (Santarem), W. (Porto), Um amante de Minerva (Penafiel), Euclides.

Enigma pittoresco.—Vasco, (Coimbra), B. M. (Vianna do Castello), Carmelita, Carmo e Souza, Manoel Antonio Coelho Zilhão.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 328)

XXVI

A situação dos invernantes tornava-se por extremo difficil e penosa. Isto com um frio horroroso causava-lhes toda a especie de soffrimentos. Um dia de manhã, Ladislau queixava-se do frio excessivo, que sentia nos pés. O sr. Lafleur descalçou-o e deu um grito por ver que os sapatos do pequeno, estando gelados, tinham adherido aos pés. Havia mister usar de grandes precauções para livral-o d'aquelle involucro gelado. Felizmente os pés, apezar de inteiriçados, ainda estavam sãos. O sr. Lafleur restabeleceu a circulação do sangue esfregando-os vigorosamente com aguardente.

As difficuldades da vida augmentavam proporcionalmente com o frio. Era preciso cortar a carne com um machado; se se tocava n'algum utensilio de ferro sem ter previamente coberto a mão, o contacto do ferro produzia na pelle uma queimadura; se Yegor consultando a sua pequena bussola, esquecia-se de parar a respiração, o vidro desapparecia immediatamente debaixo de uma pellicula de gelo. O relogio de Yegor já não queria andar, ainda que elle o trouxesse sempre comsigo, e o collocasse durante a noute debaixo da roupa da cama.

Não obstante haverem-se os fugitivos prevenido e vestido com flanellas, pelles de phoca e mil outros objectos, que Yegor teve a previdencia de comprar no bazar de Yakutsk, não obstante deitarem-se vestidos e cobertos de pelles, muitas vezes o frio, auxiliar da fome, não os deixava dormir. Quando o sr. Lafleur se expunha ao ar, embrulhava-se n'um grande capote e punha na cabeça uma grande carapuça de lã, que dava ares de uma cabelleira desgrenhada. Mas este trajo ridiculo já não tinha poder para excitar o riso dos amigos.

É que aos desgraçados tomava-os a tristeza. Tinham escapado ao captiveiro dos homens para cahirem no dos elementos.

Todavia este exilio, esta prisão no meio dos gelos e das trevas, ainda parecia ter doçuras, quando se comparava com o que Yegor tinha padecido nas minas de Nertchinsk e Nadege na sua vida de deportada. Aqui mantinha-os a esperança. Logo que o sol regressasse da sua longinqua viagem, tambem elles poderiam continuar o caminho, que encetaram. Comparavam-se aquelles heroes dos contos de fadas, que esperavam pela liberdade na floresta ou no castello, em que foram encerrados por um poder magico. As probabilidades de salvação deveriam augmentar de dia para dia... Ah! se a fome não tivesse reclamado os seus direitos e feito sentir a sua tyrannia!!

Tinham atravessado a maior parte da noitte polar, que n'aquellas paragens dura mais de um mez. Ao meio dia parecia-lhes que era meia noite. Ao sul, vacillava um pequeno clarão crepuscular de um amarello pallido. O sol tinha descido tantos gráos, que, para o descobrirem, precisavam achar-se no pincaro de uma montanha de mais de dez leguas de altura. Quando a lua se não mostrava no céo, e no intervallo das auroras boreaes, na abobada sombria do firmamento só se produziam de tempos a tempos raios luminosos traçados pelo sulco prateado de uma estrella cadente; ephemero relampago no meio da noute profunda, faisca brilhante, que cahe e se extingue no espaço.

Mas para quebrar o silencio medonho d'aquella noite interminavel, que actua ainda mais sobre os espiritos do que o total desapparecimento da luz, havia apenas o ruido que produziam os montes de gelo quebrando-se uns contra os outros nos espaços incompletamente solidificados, ruido capaz de impressionar da fórma a mais estranha... Umas vezes era surdo e continuo como a resaca do mar lá muito ao longe: outras vezes era agudo e estridente como o ranger de um carro, cujas rodas precisam de gordura, outras, finalmente, era reboante como um tiro de peça.

Yegor e o sr. Lafleur iam sempre á caça; mas sem o minimo resultado. As margens do Oceano Glacial pareciam despovoadas para todo o sempre. O cheiro e o uivar dos cães tinham afugentado os ursos brancos. Tiveram comtudo a felicidade de matar duas phocas, cuja gordura comeram, regando com chá aquella refeição hyperborea. O sr. Lafleur achava ao toucinho da phoca um sabor de manteiga rançosa, mas habituou-se a elle.

Finalmente Yegor e o sr. Lafleur decidiram ir caçar ursos brancos ao mar glacial. O dia, que principiava a mostrar-se, havia já uma semana, tornava a caça possivel.

No dia seguinte, quando o nascer do sol foi annunciado por um reflexo amarellado, que se notava do lado do sul, Yegor e o seu amigo pozeram-se a caminho sobre o gelo, bem armados, e levando comsigo os dois cães siberianos. Pouco depois brilhou um raio de luz, e passado algum tempo emergiu o astro, côr de sangue, com o seu disco cercado pelo nevoeiro. As linhas de neve das collinas da praia e as dos grandes blocos adquiriram um tom suave, de um côr de rosa desmaiado, e as sombras azues passaram a roxas.

Ao cabo de uma hora de caminho por entre aquellas accumulações de montes de gelo partidos, esboracados, eriçados de pontas, a que os viajantes inglezes do polo norte dão o nome de «hummocks» e que produzem o effeito de um campo revolvido por gigantea charrua, os caçadores chegaram a um dedalo de torosas. Ahi reconheceram sobre a neve pegadas de ursos brancos e de raposas polares (estas raposas são parasitas dos ursos, aos quaes, por sua extrema agilidade e astucia, chegam a tirar parte da presa). Momentos depois descobriram um covil, cujos habitantes estavam ausentes. Estas cavernas de dois metros de profundidade, teem duas aberturas: um casal de ursos tem logar apenas para se acocorarem.

Mais longe viram dois ursos embuscados. Perto de uma das fendas redondas de que sahem as phocas para tomarem ar e luz—e sol quando é possivel—tinham os ursos reunido um montão de neve, por detraz do qual se esconderam. Na parte inferior do monticulo havia um buraco bastante grande para poderem passar as patas. Esperavam a presa com tamanha attenção, que não deram pela chegada dos dois caçadores.

Minutos depois, Yegor e o sr. Lafleur viram sahir prudentemente do gelo a cabeça d'uma phoca. O mais destro dos dois ursos vibrou-lhe um golpe com as garras deixando-a meio-morta fóra da agua. Os dois plantigrados precipitaram-se sobre o amphibio, despedaçaram-n'o, e começaram a devoral-o.

Era occasião propicia de os atacar. Yegor, que tivera o maior trabalho do mundo para conter e fazer calar os dois cães, soltou-os. Ouvindo-os ladrar, os dois ursos pareceram incertos sobre se deviam deixar-se atacar ou bater em retirada. Mas já o sr. Lafleur enviava uma bala a cada um. Os ursos não he-

sitaram mais, e comprehendendo que tinham pela prôa caçadores decididos, desappareceram por detraz dos montes de gelo.

perior da fragil habitação com todo o pezo do seu corpo, destroe-a e apodera-se das phocasinhas para regalar os ursos pequenos.

ou com a ignorancia do perigo, que caracterisa o urso dos mares glaciaes.

Yegor viu-o no momento, em que elle avançava

O WAGON PULLMANN

COSINHA

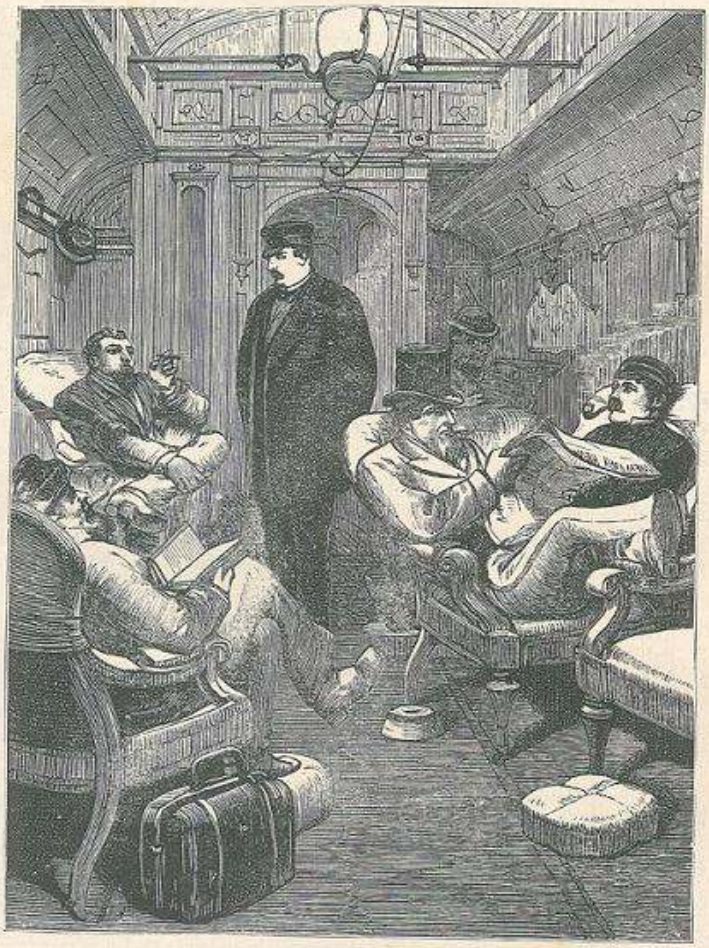
CASA DE JANTAR

XXVII

Começou então uma caçada em regra atravez dos montes de gelo. Yegor e o sr. Lafleur avançavam guiados pelo furioso ladrar dos cães. Os ursos porém adquiriam velocidade; de tempos a tempos os caçadores viam-nos arrastando-se por cima das toroses, brancos como as mesmas toroses, e fóra de todo o alcance das espingardas.

No caminho o sr. Lafleur contava a Yegor, que pouco credito dava as suas palavras, que quando se principia a constituir o mar de gelo no mez de setembro, a femea do urso branco mata grande numero de phocas e esconde-as nas anfructuosidades dos rochedos. Interna-se depois nas terras e enche-se de lichens até fartar, creando assim dentro do corpo uma especie de obstrucção mechanica; feito isto, volta aos seus depositos de viveres, e come toucinho de phoca em quanto o estomago tem capacidade para recebel-o. Em seguida procura o seu quartel de inverno em um buraco, que já tem preparado no flanco de um monte de neve.

No fim de algum tempo de reclusão pare um, dois e algumas vezes tres filhos. N'aquella créche christallina amamenta e cuida da prole até os primeiros dias de abril, epocha, em que as phocas principiam a reproduzir-se. A familia plantígrada sahe então do retiro, indo a mãe na frente sorvendo o ar e farejando. Procura e segue pelo olfacto a pista invisivel da phoca até ao logar, em que o pobre amphibio está creando os filhos. Quando a ursa descobre o «iglu» da phoca, facil de ser reconhecido, como o «iglu» do esquimó, arremessa-se sobre a parte superior da fragil habitação com todo o pezo do seu corpo, destroe-a e apodera-se das phocasinhas para regalar os ursos pequenos.



SALA DE FUMAR.

Yegor observou ao sr. Lafleur que eram tantas as fabulas ácerca dos ursos polares, que nem tudo se podia acreditar principalmente no tocante á hybernação pelo enterramento voluntario.

Em quanto os caçadores discutiam sobre o assumpto, eis que de repente surge um terceiro urso, e dirige-se para elles com a confiança da propria força, ou com a ignorancia do perigo, que caracterisa o urso dos mares glaciaes.

Yegor viu-o no momento, em que elle avançava traiçoeiramente, metteu a espingarda á cara, e o sr. Lafleur, observando este movimento, voltou-se com rapidez e desfechou sem conseguir acertar no urso. Yegor esperava, para disparar tambem, que o animal estivesse mais proximo. Quando o viu a dez passos, fez fogo duas vezes e feriu-o.

O urso, sentindo-se ferido, parou um instante rugindo, e desatou logo a fugir, tingindo a neve de sangue.

O sr. Lafleur descarregou em vão a sua espingarda. O urso cambaleava, e desappareceu atravez dos rochedos de gelo, onde era impossivel perseguil-o.

(*Continua*)

CORRESPONDENCIA

Ventura—A solução que nos enviôu não era do problema do dominó. era do quadro magico. Mas então como foi que se confundiu?

Vichnu—O rio mais feroz do mundo é o Amazona? Safa! que medo que tem ás damas! No resto da resposta acertou, por isso figura o seu nome nas soluções certas da *pergunta indiscreta*, mas não entrou sem este lembrete.

Amante de Minerva—Muitissimo bem! As palavras que nos enviou não eram as da nossa solução, mas isso não impede que satisfaçam perfeitamente ás condições do problema.

Ornato—Desculpe. A condição estabelecida n'esta embrulhada é que as letras se tirem das differentes palavras pela ordem em que figuram as palavras que fórmam a decifração; de outra fórma os problemas eram indeterminados, tinham trezentas soluções, elles assim mesmo já teem quasi sempre mais de uma.

Typ. e lit. Portugueza—Calçada do Tijolo, 39 (á rua Formosa)